

# UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE A DIFERENÇA A PARTIR DE X-MEN, O FILME

Vitor Gomes

Universidade Federal do Espírito Santo

## RESUMO

Trata-se de um artigo cujo objetivo é a apresentação da diferença na película X-MEN, o filme. Para isso, e tendo como princípio a imersão compreensiva em sua realidade, iniciou-se com a abertura perceptiva dentro dos contextos espaço-temporais da produção, tendo como intuito a compreensão acerca das interrelações entre personagens nos aspectos relativos a diferença. Como metodologia utiliza a fenomenologia, que a partir da fruição cinematográfica, realiza a extração de unidades de significado com seu registro escrito e produção de Versão do Sentido(VS), que se trata do relato e registro realizado de forma imediata pelo pesquisador. Além da VS utiliza como instrumentos metodológicos para a coleta de dados, análises e compreensão o conceito merleau-pontiano de sujeito carnal, que depreende o pesquisador e pesquisa como imbricados, e pela noção de sentido/sentido de Amaturzzi, que concebe que os resultados e análises se dão a partir de sentidos particulares diante ao vivenciado. Como resultados apresenta a produção de uma série de estereotipias acerca da discussão sobre a diferença; da apresentação de heróis(ainda que mutantes) como figuras que exercem fascínio e os vilões como mutantes mesquinhos, anti-higiênicos, brutalizados e, intelectualmente, inferiores, o que serve como pretexto para a sua aniquilação pelos primeiros. A película apresenta-se iconicamente como possibilidade de discussão acerca da visão produzida pelo cinema comercial acerca da temática da diferença. Por último, argumenta que a partir da análise crítica de filmes como X-MEN é possível potencializar discussões dentro e fora de sala-de-aula acerca da necessidade da compreensão da diferença como possibilidade de ser e existir com o outro.

**Palavras-chave:** Fenomenologia. Diferença. X-MEN.

## Introdução

Personagens das histórias em quadrinhos da Marvel, os X-MEN, criados por Stan Lee nos anos de 1960<sup>1</sup>, apresentam contextos existenciais marcados pela xenofobia e visão sectarista, expressos num conflito dicotômico, do qual

---

<sup>1</sup> Considerada a era de prata dos quadrinhos, na qual, surgiram os personagens mais populares.

emergem o preconceito e práticas discriminatórias entre os ditos normais e mutantes.

A característica dos quadrinhos da Marvel é a apresentação dos personagens com atributos realistas e aspectos psicológicos/morais regados de fraquezas e imperfeições, fato que (na época) se desvelava como singularidade criativa.

Dentro do universo dos personagens de Lee, existe uma apresentação da diferença<sup>2</sup>, por meio dos conflitos em caráter social, cujo ponto alimentador é seu aspecto biológico. O período da criação desses personagens, envolve o pós segunda guerra, conflitos raciais nos EUA e a guerra fria, eventos frequentemente atravessadores em determinadas histórias.

A partir de sua adaptação ao cinema, vê-se refletida discussões comuns aos quadrinhos que, apesar dos distintos contextos de linguagem e tempo, apresentam acréscimos de sentidos que cristalizam e presentificam versões humanas dos personagens diante ao expectador.

Especificamente no universo X-MEN, a discussão sobre a diferença se desvela a partir de mutações genéticas que favorecem a criação de indivíduos com habilidades distintas e favorecedoras em relação aos ditos normais. Assim, desvelam-se dinâmicas permeadas por preconceitos entre os grupos, que compreendem um ao outro como ameaça.

Nessa perspectiva, a arte é uma via intermediadora para a comunicação e reflexão sobre preconceitos arraigados; seu papel é transdisciplinar, pois transcende a áreas de saber e conhecimento. Desta forma, a relação presente de consumo da comunicação audiovisual(FRANCO, 2004), possui papel fundamental na vida das pessoas, servindo assim como: entretenimento, diálogo, intervenção e movimento (ressignificando ou não) os conceitos de diferença socialmente cristalizados.

Este trabalho pretende realizar ponderações, alimentadas pela influência fenomenológica-existencial, acerca de questões sobre a diferença

---

<sup>2</sup> A opção pela palavra diferença ao invés de diversidade se justifica pela compreensão que no universo quadrinístico de X-MEN, derivada da época de sua criação, existem características normalizadoras. Neste sentido, ser distinto a um padrão não significa possibilidade, mas sim, anormalidade/excepcionalidade, portanto, diferença pontua os sentidos expressos neste trabalho.

apresentadas no filme X-MEN, por se tratar da película que inaugura (e torna humanizado) o universo quadrinista de seus personagens.

### **Referencial teórico**

Trata-se de uma pesquisa fenomenológica existencial cuja característica é o desvelamento dos fenômenos a partir do conceito de sujeito carnal de Merleau-Ponty(MERLEAU-PONTY, 1994), que compreende o pesquisador e suas análises como imbricados a partir de sua constituição psicológica, histórica e social na relação com o mundo(HEIDEGGER, 1995).

Conforme Gomes(2013, p. 127):

[...] como produto humano, crê que todas as análises são sujeitas as falhas e, sobretudo, são indissociáveis a percepção humana. Desta forma, não existe pesquisa indissociável ao ser pesquisador, as suas inadvertências. Acredita então, na composição da pesquisa com a percepção, vivência e interpretação da realidade de quem a realiza.

Essas compreensões de imbricação entre o EU e o outro, observação e realidade são mediadas pela percepção(MERLEAU-PONTY, 1994), e se dão a partir da imersão do pesquisador dentro do fenômeno que observa, em movimentos que mesclam um distanciamento existencial e um mergulho teórico/reflexivo(FORGHIERI, 1993). Por essa via, o que se apresenta como resultado trata-se do sentido/sentido(AMATUZZI,1980), da compreensão particular com intuito de desvelamento do que é observado.

### **Objetivo Geral:**

Desvelar como a diferença no/do indivíduo é apresentada na película X-MEN, o filme.

### **Objetivos específicos:**

Imergir dentro da realidade constituída pelos/com personagens do filme

Evidenciar como se dão as interrelações entre personagens.

## **Metodologia**

A partir do viés fenomenológico, os procedimentos para compreensão de significados foram compostos pela fruição do DVD da película X-MEN na busca de distanciamento reflexivo(FORGUIERI,1993), o que durante sua telespectação<sup>3</sup> resultou em anotações descritivas (minuciosas), contudo, na maioria das vezes sem inferências.

Quando, dentro dessa dinâmica, ocorreram cenas que sua vivência foram impactantes, despertando insights compreensivos, foi utilizada a técnica criada por Mauro Martins AmatuZZi intitulada Versão de Sentido(AMATUZZI, 2001), que se trata do registro imediato de suas impressões, após o vivenciado, daí executada eventuais inferências.

Que conforme Gomes(2014, p.7):

[...] tem como procedimento a anotação e descrição da experiência vivenciada logo após sua experimentação(AMATUZZI, 2001). Tendo como concepção mister que este aspecto temporal é de fundamental importância para resgatar a riqueza de fatos, bem como dos aspectos emocionais da própria vivência em si do pesquisador diante ao que observou.

Após a fruição do filme e, seus devidos registros, ocorreu o segundo momento, comum as pesquisas fenomenológicas, na qual, transpassados pela percepção(MERLEAU-PONTY,1994), ocorreu o desvelamento de suas unidades de significado, que se trataram de palavras e/ou frases capturadas dentro dos diálogos (entre personagens) que desvelaram suas perspectivas acerca da diferença.

## **Sentidos/sentidos sobre a diferença a partir de X-MEN, o filme**

Dentro de uma abertura com característica darwinista, a primeira cena inicia num campo de concentração nazista em 1944, no qual, uma criança de origem judaica é fisicamente afastada dos pais,<sup>4</sup> contida por soldados alemães.

---

<sup>3</sup>Um neologismo utilizado como sinônimo da ação de assistir ao filme a partir de uma tela de TV.

<sup>4</sup>De forma brutal.

Utilizando sua telecinese consegue movimentar grades de um portão. Em sua insistência, é espancada até desacordar, os momentos de tensão e desespero vão se tornando cada vez mais agudos, assim inicia X-MEN: o filme, dirigido por Bryan Singer.

Produção estadunidense do ano de 2000, a película adapta a linguagem cinematográfica, os icônicos personagens dos quadrinhos da Marvel, cujo enredo é permeado pelas relações de preconceito e práticas discriminatórias de segregação.

Em sinopse extraída da página Adoro cinema(2016, p. web):

Em um futuro próximo há pessoas que são o próximo degrau na escada evolucionária humana, os mutantes. Dotados de um fator X em sua carga genética, cada mutante desenvolve um tipo diferente de poder e muitas vezes precisam aprender a controlá-lo, pois só se manifesta na adolescência ou mesmo quando se tornam adultos. Os mutantes sofrem um grande preconceito, pois os humanos em geral não entendem os poderes deles e temem que os mutantes, por serem superiores às pessoas comuns, irão perseguir a raça humana. [...] O ódio e o medo que os humanos sentem pelos mutantes está à beira do fanatismo, principalmente por causa de uma campanha antimutantes liderada pelo senador Robert Kelly (Bruce Davison).

Apesar de um filme com a temática de heróis e vilões (de quadrinhos), o que traz uma estereotipia característica do gênero, apresenta conceitos e possibilidades de reflexão e apreensão da discussão sobre a diferença. Neste sentido, em “mutantes” poderia se enquadrar como qualquer pessoa que socialmente integra grupos minoritários a partir da: etnia, cultura, gênero, orientação sexual, deficiência, transtornos globais, superdotação e outros.

Neste trabalho, por opção conceitual, os personagens serão apresentados a partir de seu “nome de batismo”(ao invés de sua denominação como herói ou vilão), uma vez que a intenção é o seu desvelar como indivíduos em suas vicissitudes dentro de um cenário vivencial discriminatório. Por essa via, e tendo como intuito o evidenciamento dos aspectos conceituais do filme, apresenta-se o sentido/sentido acerca de suas questões no que se refere à questão da diferença.

Conforme Gomes(2015,p.14) sentido/sentido trata-se:

[...]da descrição do fenômeno a partir da percepção do pesquisador, sendo extraída desta a Versão de sentido (AMATUZZI, 2001), que se trata do registro imediato de uma vivência, realizado a partir de textos escritos ou apontamentos gravados.

A segunda cena evidencia uma discussão no senado, na qual, Jean Grey, uma representante dos mutantes, apresenta argumentos contra um projeto que prevê seu registro como ferramenta de controle. Diante ao embate contra o discurso conservador de alguns parlamentares, ela se vê vencida. A passagem conclui desvelando no fundo uma figura, que a partir de um gesto corporal negativo, demonstra sua discordância do que acaba de ocorrer/presenciar. Seu nome: Erik Magnus Lehnsherr, a criança do campo de concentração, agora em idade madura.

Em outra tomada e, durante a briga num bar, diante a descoberta pelo dono do estabelecimento que se tratava de um mutante(Logan), esbraveja: *sai do meu bar anormal!* Nesta perspectiva, o cenário é apresentado de forma dual. De um lado grupos minoritários discriminados e do outro a hegemonia dos ditos normais(ELIAS & SCOTSON, 2000).

Afirma Wanderley citando Durkheim(1999, p.3-4):

[...] a partir da observação, a sociedade "...confina duas ordens de fatos bastante diferentes: aqueles que são os que devem ser e aqueles que deveriam ser diferentes daquilo que são, os fenômenos normais e patológicos".

Esse embate se apresenta durante toda a duração do filme, sendo cristalizado a partir dos embates verbais acerca do direito a diferença. Neste sentido, vê-se duas figuras centrais. De um lado Erik, um defensor dos mutantes disposto a levar sua luta a uma guerra civil, e do outro, num discurso (igualmente) extremista, contudo, com viés "legalista" a figura do senador Robert Kelly, que numa de suas falas sentencia sua relação com os ditos diferentes: *É uma guerra..é a razão de pessoas como eu existirem.*

Observa-se em Magnus, a defesa da causa a partir de sua perspectiva experiencial, uma vez que vivenciou os horrores da realidade de campos de concentração. Desta forma, quando numa das cenas observa o colar de Logan, com a inscrição de um número de série, existe uma relação de identificação com alguém que também já foi aprisionado. A cena permite essa analogia

quando em seu término apresenta seu olhar que fita o número tatuado (em seu braço), uma herança/marca do campo de concentração, acompanhado de sua expressão facial que expressa um misto de tristeza e empatia em relação a condição de seu semelhante.

Assim, Lehnsherr defende radicalmente o direito a liberdade dos mutantes. Ele que já “foi número”, batalha pelo direito de ser indivíduo. Nisso, diante ao discurso discriminatório do senador, o sequestra e o insere numa máquina provocadora de transmutações bio/química/geneticamente. Diante da impossibilidade da compreensão do que é ser diferente, Magnus transforma-o em seu congêneres.

A cena é concluída com a frase irônica proferida por Erik: *Bem vindo irmão!*

Aprisionado numa cela, em qual, permanece por algum tempo, Robert consegue fugir<sup>5</sup>, transpassando as grades e se jogando ao mar. Depois de nadar até a praia e, com corpo visivelmente transformado, ele é entreolhado por milhares de pessoas que o observam com expressão de medo.

Seria ele agora inquisidor de si mesmo?

Desesperado com sua nova condição vai ao encontro da cientista Jean Grey, no instituto Xavier, no qual, é colocado num leito em que aguarda atendimento. Deitado numa cama em condição instável clama por companhia, é quando se aproxima uma Mutante: Ororo Munroe.

Neste momento, inicia-se uma fala entre os dois, na qual, fitando a moça expressa: *Eu tive medo de ir ao hospital e ser tratado como...E Ororo completa: Mutante?.* O silêncio entre os dois é desconcertante (mantido por alguns segundos). Pela primeira vez, o político vivencia o que é ser o alvo de seu preconceito. A partir disso e, com voz embargada, inquire: *você odeia as pessoas normais?* Sucedida pela resposta da personagem: *sim, odeio às vezes. Porque?*(senador). Conclui Munroe: *Acho que tenho medo delas.*

Conforme Amaral(1994, p.40):

---

<sup>5</sup>Derivado da transmutação genética que transformou seu corpo em maleável.

Política tão antiga como a humanidade, a segregação se apoia no tripé: preconceito, estereótipo e estigma. Tentando sistematizar a dinâmica entre eles: um preconceito gera um estereótipo, que cristaliza o preconceito, que fortalece o estereótipo, que atualiza o preconceito... Um círculo vicioso levando ao infinito. Paralelamente o estigma(marca, sinal) colabora com essa perpetuação.

A aceitação da diferença está relacionada a concepções e valores, sejam coletivos e individuais apropriados ao longo das relações culturais e socialmente vividas. Nesse processo, são construídas as representações sociais em relação aos indivíduos, que se sentem diante a necessidade de representar alguma coisa ou alguém, sempre que isso se torna estranho ou distante de si (MOSCOVICI, 1978).

Daí a construção da estereotipia a partir da palavra mutante, sendo utilizada para os indivíduos que apresentavam características distintas em relação aos ditos normais. Desta forma, o que não soa como familiar ou não oferece uma explicação óbvia, necessita de sentidos suplementares e explicações para o que afeta, causa estranheza ou perturba.

Numa outra dinâmica se encontram Erik e Charles Xavier, amigos de longa data, entretanto, com visões e atitudes diferentes na salvaguarda da causa mutante. Enquanto Magnus, um ativista que pretende levar sua defesa ao embate físico, Xavier, moderado e pacifista.

Coordenador de uma escola para crianças superdotadas, que na verdade se trata de uma instituição para que os mutantes possam controlar suas habilidades, Charles administra um estabelecimento, no qual, a condição de distinção de seus estudantes é tratada com sigilo em relação a sociedade, constituindo assim como local, em que, os mutantes são segregados, escondidos e devidamente controlados/educados a partir de suas concepções. Em fala do personagem Logan, na qual, convence outra mutante a frequentar o instituto: *São raras as pessoas que querem nos ajudar, mas o Xavier é uma delas..gente como nós!* E completa: *aqui você pode ser aceita e não punida!*

Para Moreira e Candau(2003, p.163):

A discriminação pode adquirir múltiplos rostos, referindo-se tanto a caráter étnico e caráter social, como a gênero, orientação sexual, etapas da vida, regiões geográficas de origem, características físicas e relacionadas à aparência, grupos culturais específicos (os

*funkeiros, os nerds etc.*). Talvez seja possível afirmar que estamos imersos em uma *cultura da discriminação*, na qual a demarcação entre “nós” e “os outros” é uma prática social permanente que se manifesta pelo não reconhecimento dos que consideramos não somente diferentes, mas, em muitos casos, “inferiores”, por diferentes características identitárias e comportamentos.

Desta forma, a prática supostamente protetora de Xavier cristaliza-se e potencializa políticas de segregação, uma vez que demarca sua instituição para um grupo específico, impedindo assim, o convívio entre os ditos normais e seus alunos. Neste sentido, uma linha simbólica de fronteira é delineada, na qual, a estada do outro não consiste em possibilidade vivencial, mas sim, invasão.

Portanto, são tecidas práticas institucionalistas que afastam o considerado diferente do convívio com outros/outros<sup>6</sup>(GOMES, 2015) reproduzindo as concepções dicotômicas de normalidade/anormalidade(WANDERLEY, 1999) segregacionistas e, por essa via, da compreensão da diferença não como possibilidade, mas sim, excepcionalidade.

Em termos de favorecimento de criação de estereótipos/ preconceitos o filme evidencia, em termos de construção visual, as interações a partir de um universo dicotômico: de um lado os supostos vilões, liderados por Eric, que, com sua exceção, são apresentados como figuras que habitam lugares sujos, escuros, pantanosos e que manifestam comportamentos mesquinhos, anti-higiênicos, brutalizados e, intelectualmente, inferiores aos heróis. E do outro lado: os mocinhos(também mutantes), residentes em lugares luxuosos e com comportamentos sofisticados, fisicamente belos, inteligentes e com habilidades que soam superioridade. Apenas para citar algumas: controle dos elementos da natureza, raios e garras prateadas, apresentadas de forma espetacular.

Desta forma, desvela caricaturas vilanescas, na quais, os diferentes, são apresentados como indivíduos que não seguem as normas sociais, bem como, acompanhado de características que os denotam como: sujos, cruéis, e violentos. Existindo assim, uma construção justificadora de sua aniquilação pelo poder hegemônico consolidado pelos mocinhos. Assim, a vida imita a arte, uma vez que o mutante, o diferente, pode ser cristalizado na realidade do

---

<sup>6</sup> O diferente, o estranho, o que não faz parte do convívio, aquele que possui o olhar externo.

dia-a-dia da escola como a criança com deficiência<sup>7</sup> e a produção de uma estereotipia, alimentada no senso comum, que a afasta do convívio com o outro.

Na relação de figuração entre os excluídos(outsiders) e dos estabelecidos existem uma segregação dos primeiros e de estratégias variadas do grupo de poder para se manter hegemônico. Desde visuais(supervalorização da autoimagem), ideológicas e de produção de bem estar em sua inserção<sup>8</sup>(ELIAS & SCOTSON,2000). É neste contexto, que se encontram elementos para explicar como um grupo de estigmatizados (auto)interioriza a imagem como grupo inferior.

A cena final apresenta Erik numa prisão, sendo visitado por seu amigo/opositor Xavier. Ambos jogam xadrez, ao mesmo tempo em que discutem seus pontos de vista em relação a discriminação sofrida. Derrotado e, num tom indignado, entre a movimentação das peças do jogo e olhar penetrante inquiri a Charles: *Será que isso jamais acorda você no meio da noite? Sabe que um dia eles aprovarão aquela lei ou outra parecida e virão atrás de você e seus filhos?*

O rei é derrubado. Movimento que no xadrez significa o abandono do jogo, a entrega diante a impossibilidade. Assim, Erik renuncia diante a imposição do poder hegemônico que dociliza, legitima e alimenta os comportamentos de seu amigo Xavier(ELIAS & SCOTSON, 2000), que poderia ser aliado e não opositor.

O filme produz uma série de clichês acerca da discussão sobre a diferença, o que servem como possibilidades de discussão acerca da visão produzida pelo cinema (dito comercial) acerca da temática, neste sentido, e a partir de um olhar reflexivo pelo professor, pode servir de oportunidade para a discussão acerca da produção de preconceitos na escola.

Destarte, por se tratar de película popular e, que encontra no público infante/juvenil sua idolatria e fruição, apresenta-se como possibilidade de reflexão e desconstrução de estereótipos/preconceitos, sobretudo, em épocas

---

<sup>7</sup> Ou público alvo da educação especial de uma forma geral.

<sup>8</sup> Estar, pertencer e/ou permanecer no grupo como sinônimo de sucesso.

como a atual, na qual, ocorre a intensificação de discursos xenofóbicos e de tons raivosos.

Ainda que, por questões comerciais, a franquia tenha se estendido a outras produções, fato que deflagrou a perda da originalidade, com a reprodução de “mais do mesmo”, o papel do primeiro filme é de fundamental importância para a apresentação de seu universo. Assim, ainda que, por olhares mais conservadores, a película possa ser considerada pobre de conceitos, a partir de uma concepção crítica e que almeja a produção de significados, o adentre ao universo cultural popular pode servir como ponte/possibilidade de estreitar laços e linguagens potencializadoras de sentidos/sentidos humanisticamente transformadores.

## **Conclusões**

A compreensão da diferença como possibilidade é fundamental para a desconstrução da impossibilidade da vivência com o outro. Por meio do filme X-MEN, apresentam-se oportunidades de discussões e reflexões acerca dessa experiência dentro e fora de sala-de-aula. A produção serve como provocação as interpretações diante ao que se desnuda aos olhos.

Portanto, por sua via, é possível viver a experiência do outro, sem ser o outro. Ou melhor, num exercício empático(ROGERS,1995) que desconstrói os apriorismos e, que naquele espaço (de um filme), se consegue viver a realidade dos personagens.

Ainda que possa ser considerado (por alguns) pobre em significados, cinema comercial e com concepção estatística<sup>9</sup>, apresenta iconograficamente a partir de certos diálogos a exposição visceral do que é ser diferente, seus revezes e preconceitos na vivência com o outro, a partir da perspectiva de quem é alvo da discriminação.

Assim, se caracteriza como meio, não fim em si mesmo. Com essa prerrogativa, serve como possibilidade de questionamento e reflexão para além

---

<sup>9</sup> No sentido Durkheineano de compreensão da diferença.

da superficialidade, em que, suas fragilidades servem como pontos a serem discutíveis em sua apresentação da diferença como produtora de estereótipos.

Neste sentido, o desvelar, compreensão e reflexão sobre a diferença (pela via artística) auxilia na destituição dos apriorismos e preconceitos diante sua vivência nas relações de alteridade. Para isso, é fundamental compreender o caráter único (e singular) dessa experiência de sentido e sua importância na formação humana (HEIDEGGER,1995), uma vez que a construção da personalidade, identidade e cultura dá-se a partir das interações com o outro.

Por último, ainda que existam conflitos e dificuldades no convívio, tal experiência de sentido é ímpar, sendo fundamental para o afloramento de subjetividades inclusivas/includentes (GOMES & PINEL, 2005) conceito que preconiza, para além da tolerância, uma relação de aceitação e percepção empática da diferença como condição *sine qua non* para convívio e compreensão do outro como extensão de si próprio.

## Referências

ADORO CINEMA. **X- MEN- o filme.** Disponível em:<  
<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-25518/>>. Acesso em: 06 jul.2016.

AMARAL, Lígia Assumpção. **Conhecendo a deficiência em companhia de Hércules.** São Paulo: Robe editorial, 1995.

AMATUZZI, Mauro Martins. **Crescimento e ajuda:** veredas em psicologia. São Paulo: Cortez, 1980.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. L. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. *Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas.* São Paulo: Pioneira, 1993.

FRANCO, Marília. Você sabe o que foi o I.N.C.E? In SETTON, Maria da Graça Jacinto(org.). **Cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação.** São Paulo: Annablume- USP, 2004.

GOMES, Vitor. **A fenomenologia da resiliência: teorias e histórias de vida.** Curitiba: CRV, 2015.

GOMES, Vitor. Um diálogo fenomenológico com a educação social: experiências de um educador. Um diálogo pedagógico com a educação social: experiências de um educado. **Revista FAED - UNEMAT**, v. 20, p. 127-137, 2013.

\_\_\_\_. **Uma visão sobre a vivência da diferença: reflexões a partir de uma psicopedagogia fenomenológica.** In: III Simpósio de Psicopedagogia da região sudeste, 2013, Vitória-ES. Espaços e caminhos da psicopedagogia na contemporaneidade. Vitória-ES: ABPp/PPGE-UFES, 2013. v. 1. p. 1-497.

GOMES, Vitor, PINEL, HIRAN. **Subjetividade Inclusiva: a busca de um conceito a partir de pressupostos Fenomenológicos.** II Congresso Brasileiro de Educação Especial/ II Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial, 2005. São Carlos- São Paulo. Construindo o conhecimento. São Carlos-SP : EDUFSCAR, 2005. v. 1.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1995. Parte I e II.

MERLEAU-PONTY, Marcel. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): Construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação.** V.23, p. 156-168, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a11.pdf>>. Acesso em 11 Jul. 2016.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise.** Rio de Janeiro(RJ): Zahar; 1978.

ROGERS, Carl. **Tornar-se Pessoa.** São Paulo: Martins Fontes, 1995

WANDERLEY, Fabiana. Normalidade e patologia em educação especial. *Psicol. cienc. prof.* [online]. Vol.19, n.2, p. 2-9, 1999. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v19n2/02.pdf>>. Acesso em 07 Jul. 2016

X-MEN, O filme. Direção: Bryan Singer. Produção: Lauren Shuler Donner e Ralph Winter. Intérpretes: Hugh Jackman, Ian McKellen, Patrick Stewart e outros. Roteiro: Bryan Singer, Stan Lee, Jack Kirby e outros. EUA: Twentieth Century Fox, 2000. Duração: 104min.